

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS EM GERONTOLOGIA

Maicon Luís Bicigo Delinocente

Ieda Fernanda Alvarez

Tiago da Silva Alexandre

Daniela Godoi Jacomassi

INTRODUÇÃO

Com o aumento da longevidade em todo o mundo surgem inúmeros estudos acerca do envelhecimento populacional que evidenciam o fenômeno como uma conquista para as populações e trazem os desafios desse processo no âmbito individual e coletivo, especialmente no que se refere às demandas dos sistemas de saúde pública e previdência social.¹

Anteriormente a esse processo de expansão científica é necessário o entendimento de saberes e correntes de pensamentos que propiciam o desenvolvimento de estudos, não somente na maneira como são desenvolvidos, mas desde seu pensar lógico (metodologia) até o momento de apresentá-los para a comunidade – seja ela científica ou não. Para tanto, o pesquisador precisa de fato compreender que existem diferentes tipos de conhecimentos e saber distingui-los para, então, responder as questões.

No Quadro 1, adaptado de Lakatos e Marconi, são apresentados, em síntese, os tipos de conhecimento seguidos de suas principais características. Uma vez cientes dessas diferenças, é preciso ressaltar o que é conhecimento e abordar a diferenciação entre conhecimento científico e conhecimento popular – por vezes também denominado senso comum –, sendo estes os que mais interferem nas decisões sociais do homem.²

Quadro 1.1 Tipos de conhecimento e principais características.

Tipos de conhecimento			
Popular	Científico	Religioso	Filosófico
Valorativo	Real (Factual)	Valorativo	Valorativo
Reflexivo	Contingente	Inspiracional	Racional
Assistemático	Sistemático	Sistemático	Sistemático
Verificável	Verificável	Não verificável	Não verificável
Falível	Falível	Infalível	Infalível
Inexato	Aprox. Exato	Exato	Exato

Fonte: adaptado de Lakatos e Marconi.³

1 Miranda, Mendes e Silva (2016).

2 Lakatos e Marconi (1992), Köche (1997).

3 Lakatos e Marconi (1992, p. 77-78).

Os tipos de conhecimentos não se diferem pela veracidade do achado, mas sim pelo método que leva ao achado. Para Köche, o conhecimento é formado por representações significativas da realidade criadas a partir do intelecto do homem. O autor coloca o homem como um ser existencial jogado no mundo e condenado a viver sua existência, e, para isso, deve interpretar o mundo e a si próprio e atribuir-lhes significações que, por sua vez, são representações da realidade, a que denominamos conhecimento.⁴

CONHECIMENTO POPULAR (SENSO COMUM)

O conhecimento popular é valorativo por excelência, pois implica o duelo entre a realidade (o objeto, a situação ou o fenômeno) e o indivíduo que a vive (o sujeito), de modo que o achado, a descoberta não é menos importante que o derivado de outros conhecimentos. Trata-se de um conhecimento que é assistemático, porque não é programado, planejado e nem mesmo acontece de forma semelhante entre os seres. Tem a faculdade de ser verificado, falível e inexato, ou seja, há formas de verificar a realidade, e nesse processo os achados, as descobertas e os resultados podem diferir. Portanto, não há certo ou errado, e sim maneiras diferentes de experimentação.⁵

Köche afirma que o conhecimento de senso comum é usual na vida cotidiana, produzindo interpretações significativas capazes de mediar a solução de problemas imediatos que surgem no dia a dia. Dessa forma, o autor classifica esse conhecimento como utilitarista, ou seja, sem aprofundamento crítico e racional, mas que elabora soluções rápidas, de caráter subjetivo e linguagem vaga, podendo alcançar diferentes contextos e/ou populações, ou específico o suficiente para ser útil apenas em determinado contexto. Esses contrapontos impedem a sua generalização e conseqüentemente colocam em questionamento a validade dos achados.⁶

CONHECIMENTO CIENTÍFICO

O conhecimento científico é caracterizado como contingente e real (factual) porque suas proposições ou hipóteses são passíveis de verificação e sua veracidade (ou falsidade) necessariamente passa por experimentação. É organizado, sistemático, formando um conjunto de ideias que se submetem a processos que permitem sua ratificação ou refutação. Essas características permitem classificá-lo como um conhecimento falível, mas, por outro lado, o aproxima da exatidão. Assim, todo rigor formal e metodológico, característico do conhecimento científico, a este possibilita ter o

4 Lakatos e Marconi (1992), Köche (1997).

5 Lakatos e Marconi (1992).

6 Köche (1997).

homem, a sociedade, a natureza, os fenômenos, as culturas e religiões e suas relações como objetos de estudo.⁷

A ciência se constitui em um conjunto sistematizado dos conhecimentos que se propõe a demonstrar a veracidade dos fatos, com conclusões gerais metodicamente demonstradas relacionadas a determinado objeto, em determinado momento. Para Köche, o conhecimento científico emerge da necessidade do homem em se desvincular da posição passiva dos acontecimentos e fenômenos. O autor enfatiza que para fazer ciência é necessário que o homem deixe de apenas “testemunhar fenômenos, sem poder de ação ou controle dos mesmos”,⁸ cabendo a ele otimizar sua racionalidade para, então, propor uma forma sistemática, metódica e crítica para compreender o mundo, explicá-lo e dominá-lo. O conhecimento científico se movimenta pelo princípio da dúvida que o rigor metodológico e o crítico permitem atestar (ou não) acerca da veracidade dos fatos. Diante de todas essas características, pode-se afirmar que a linguagem científica é específica, com elevado poder de crítica e ampliação de seus limites de alcance.

CONHECIMENTO RELIGIOSO

O conhecimento religioso apoia-se na teologia, em doutrinas e proposições sagradas, o que o torna valorativo. Por esse motivo, suas verdades são infalíveis, inverificáveis, indiscutíveis e são fonte de inspiração para os que pactuam desse conhecimento sistemático de mundo e do que lhes é divino.⁹

Em contrapartida, é necessário ressaltar que, embora tida como inverificável ou indiscutível, a religião também é um importante campo de estudo fortemente associado às questões científicas e sociais. Por esse motivo, dado que o conhecimento científico se permite perpassar em diversas áreas – a religião é uma delas –, é comum o surgimento de discussões entre os adeptos dos dois tipos de conhecimentos.¹⁰

CONHECIMENTO FILOSÓFICO

O conhecimento filosófico é caracterizado por questionar problemas humanos e discernir entre o certo e o errado à luz da razão. Logo, suas hipóteses não são passíveis de verificação. Lakatos e Marconi¹¹ o classificam como sistemático, visto que seus achados derivam da experiência com a

7 Lakatos e Marconi (1992).

8 Köche (1997, p. 28).

9 Lakatos e Marconi (1992).

10 Id. *ibid.*

11 Id. *ibid.*

realidade e se constrói sobre um conjunto de observações lógicas e correlacionadas. Portanto, o conhecimento filosófico também é infalível e exato.

Nessa perspectiva, a dualidade entre o conhecimento científico e conhecimento filosófico se dá em vários aspectos: o primeiro abrange fatos concretos, fenômenos perceptíveis; o segundo tem como objeto as ideias, as relações conceituais, a existência e outras exigências lógicas e abstratas. O conhecimento científico utiliza a experimentação como método; o conhecimento filosófico, a razão humana, ou seja, o processo dedutivo. Por fim, o primeiro circunscreve, delimita, fragmenta e analisa para atingir segmentos da realidade social; o segundo busca a universalidade de ideias para responder a grandes indagações humanas e harmonizar leis e conclusões da ciência.¹²

Diante dessa dualidade, é importante destacar e conhecer as principais correntes de pensamento que compõem o alicerce da produção científica: o positivismo, a fenomenologia e a dialética.

POSITIVISMO

Iniciou como corrente filosófica no século XVII, tendo Condorcet como o autor que fundamentou seus ideais, seguido de Saint-Simon. Entretanto, foi Comte o primeiro autor a propor uma teoria totalmente positivista.

O positivismo de Condorcet e Saint-Simon surgiu na perspectiva de fazer críticas à organização social da época, propondo mudanças na relação entre as classes dominantes e as classes oprimidas, não havendo uma total neutralidade na lente utilizada. Comte traz a necessidade de utilizar uma lente livre de críticas e valores, sendo a distinção entre o fato e o valor uma das teses básicas da corrente positivista, destacando que a ciência deve se ocupar apenas do fato e livrar-se do valor.

Nas ciências sociais, foi Durkheim que fundamentou o positivismo como método para a pesquisa social, diferenciando senso comum de conceitos científicos. Para Durkheim, senso comum é uma criação cultural que a sociedade utiliza para descrever o ambiente em que está inserida, enquanto que conceitos científicos são teorias elaboradas, capazes de descrever, classificar, explicar, organizar e correlacionar os fatos sociais de forma objetiva. Em contrapartida, ressalta que o fato social se trata de toda maneira de agir e que esta, por sua vez, é suscetível a exercer sobre o indivíduo ou sociedade uma coerção exterior.¹³

Logo, o positivismo, assim como as demais correntes de pensamento, também é alvo de críticas, e a falta de neutralidade é a principal delas. Isso se dá uma vez que os objetos de estudo se compõem de fatos sociais e estes são passíveis de coerção, dadas as características de um indivíduo ou de uma sociedade. Por outro lado, pode-se afirmar que cientistas são humanos e têm suas subjetividades, portanto para alguns autores trata-se de inocência acreditar em neutralidade no seu pleno sentido. Para eles, destaca-se a hipótese central do positivismo, que é a existência de leis naturais que

12 Id. *ibid.*

13 Durkheim (1972).

influenciam a vida social, econômica, política e cultural dos integrantes de determinada sociedade, e o cientista social tem o papel de descobrir as leis invariáveis e independentes dessa organização.

FENOMENOLOGIA

A fenomenologia é uma manifestação da chamada sociologia compreensiva que vem na contramão da corrente positivista, é reconhecidamente antipositivista. A sociologia compreensiva tem suas origens nas reflexões filosóficas de Dilthey, entretanto foi Max Weber que estabeleceu as bases teóricas e metodológicas no campo das ciências sociais.

Há diferentes abordagens na sociologia compreensiva, mas todas têm elementos comuns, inclusive a fenomenologia. São eles:

(a) Seu foco é a experiência vivencial e o reconhecimento de que as realidades humanas são complexas; (b) o contato com as pessoas se realiza nos seus próprios contextos sociais; (c) a relação entre o investigador, face a face e a empatia entre ambos; (d) os resultados buscam explicitar a racionalidade dos contextos e a lógica interna dos diversos atores e grupos que estão sendo estudados; (e) os textos provenientes de análises compreensivas apresentam a realidade de forma dinâmica e evidenciam o ponto de vista dos vários atores ante um projeto social sempre em constrição e em projeção para o futuro; e (f) suas conclusões não são universalizáveis, embora a compreensão de contextos peculiares permita inferências mais abrangentes que a análise das microrrealidades e comparações.¹⁴

A fenomenologia surge no século XX, tendo como principal autor Husserl, que propõe um caminho próprio, um retorno ao mundo vivido. Segundo Fazenda,¹⁵ não existe “o” ou “um” método fenomenológico, mas sim uma atitude. Esta é uma atitude de compreensão que nunca é fechada, pois gera uma interpretação que levará a outra compreensão e assim seguirá como um círculo hermenêutico, ou seja, a ciência da compreensão de si mesmo mediante a compreensão do outro.

O cientista deverá utilizar uma lente que não separe o fato observado da experiência vivida em uma constante compreensão de transformação da essência dos fenômenos. Para Bruyne, Herman e Schoutheete,¹⁶ a fenomenologia deveria ser utilizada para esclarecer os problemas enfrentados pelas ciências sociais. Suas principais críticas dizem respeito ao envolvimento do pesquisador com seu campo de trabalho e à visão colocada por outros cientistas de um trabalho não concluído ou ainda a se completar.

14 Minayo (2007, p. 100).

15 Fazenda (1990).

16 Bruyne, Herman e Schoutheete (1991).

DIALÉTICA

Surgiu na Grécia antiga, aproximadamente 490-430 a.C., tendo como fundador Zênon de Eleia para alguns, e Sócrates para outros. Nesse período histórico, a dialética era definida como a arte do diálogo. Muitos anos, muita história e diferentes pensadores passaram por ela, até que no século XIX a dialética passou a ser vista como a arte de dialogar para a construção de uma tese, criada por meio de uma argumentação que se faz capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão. Essa segunda visão apresentada tem como pensadores principais Hegel e Marx.

A dialética pode apresentar diferentes aspectos que são organizados de acordo com o pensador de referência. Diante da variedade de possibilidades, Bruyne, Herman e Schoutheete destacam três aspectos, citados a seguir.

- a) O movimento concreto, natural e sócio-histórico, da própria realidade estudada (“sentido objetivo”); b) a lógica do pensamento que se pretende conhecimento adequado dos processos históricos das mudanças e dos conflitos sociais (“sentido subjetivo”); c) a relação entre o objeto construído por uma ciência, o método empregado e o objeto real visado por essa ciência (“sentido metodológico”).¹⁷

Lakatos e Markoni¹⁸ deixam claro que para a dialética não há análise em objetos fixos, mas sim em movimento. Nada está acabado, mas sim em via de transformação e desenvolvimento. O final de um processo é sempre um novo começo para outro. Esse fenômeno denomina-se lei da “ação recíproca”.

A “mudança dialética” – outra lei dessa corrente de pensamento – aponta que todo movimento deriva de contradições diante da negação de um fato ou acontecimento, e é a partir dessa negação que se dá a transformação para o conhecimento. Nesse momento coloca-se em prática a terceira lei da dialética, denominada de “passagem da quantidade à qualidade”, que se fundamenta na perspectiva de que a mudança não pode ser indefinidamente quantitativa e que em determinado momento altera-se qualitativamente, ou seja, a quantidade de mudanças acerca das contradições determina a qualidade do conhecimento produzido.

A última lei da Dialética é a “interpretação dos contrários”, que aponta a contradição como o “motor da mudança”, capaz de gerar qualidade ou nova qualidade de conhecimento. Também aponta três diferentes características das contradições que estimulam o desenvolvimento do saber dialético: a contradição é interna, inovadora e apresenta a unidade dos contrários (dois termos que se opõem), que permite, junto às demais leis dessa corrente de pensamento, afirmar que a construção

¹⁷ Id. *ibid.*, p. 65.

¹⁸ Lakatos e Marconi (1993).

do conhecimento científico pela Dialética se trata de um movimento de criticidade constante diante de uma ação, derivando um novo movimento.

Por fim, todo esse mecanismo de ação recíproca e de movimento contraditório que, para os defensores da corrente, contribui para um achado de maior qualidade também é sua maior crítica, uma vez que para eles os cientistas adeptos à corrente perseguem um ideal dificilmente alcançável.¹⁹

Este capítulo objetiva apresentar os tipos de conhecimento e as correntes filosóficas que embasam o propósito de fazer ciência. O quadro síntese (Quadro 1.2) organiza informações acerca das correntes de pensamento.

Quadro 1.2 Síntese das correntes filosóficas: positivismo, fenomenologia e dialética.

Positivismo ²⁰	Fenomenologia ²¹	Dialética ²²
A postura positivista advoga uma ciência social desvinculada da posição de classe, de valores morais e de posição política do cientista;	Ciência da Interpretação (Hermenêutica); Método não dedutivo, nem indutivo;	Tentativa de conceber a cada momento a análise como parte do processo social e como sua consciência crítica possível;
Existe uma distinção fundamental entre fato e valor: a ciência se ocupa do fato e deve buscar livrar-se do valor;	Teoria das Aparências. “O pesquisador deve descrever o tema a partir do contato com este.” ²³	Os problemas fundam a possibilidade da teoria;
A realidade se constitui essencialmente naquilo que os sentidos podem perceber (positivos);	Descrição direta da experiência tal como ela. A realidade é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado;	Abordagem imanente a um conteúdo; busca as causas internas do desenvolvimento, suas condições, sendo estas a razão para mudanças;
As ciências sociais e as ciências naturais compartilham de um mesmo fundamento lógico e metodológico e se distinguem apenas no objeto de estudo;	Exige uma metodologia que não dissocie a pesquisa das essências dos procedimentos de constatação dos fatos, a teoria não deve ser separada da experiência;	Método de interpretação dinâmica da realidade; Marcada pelo diálogo;
Passível de verificação prática.	O sujeito é importante no processo de construção do conhecimento.	As contradições originam novas condições, que passam a requerer soluções; O desenvolvimento da ideia absoluta é pela sucessão de momentos de afirmação (tese), de negação (antítese) e de negação da negação (síntese) – “espiral de ideias”.

Fonte: elaboração própria.

CORRENTES FILOSÓFICAS EM GERONTOLOGIA

Por fim, sintetizadas as correntes de pensamento, faz-se pertinente pontuar as correntes filosóficas na produção de conhecimento científico em gerontologia. É crescente o número de estudos que abordam o processo de envelhecimento e suas particularidades, dadas as suas implicações

19 Minayo (1994).

20 Borges e Dalberio (2007), Minayo (2007).

21 Borges e Dalberio (2007), Bruyne, Herman e Schoutheete (1991).

22 Bruyne, Herman e Schoutheete (1991).

23 Borges e Dalberio (2007), Bruyne, Herman e Schoutheete (1991).

intrínsecas e socioculturais advindas. Nessa perspectiva, compreender as correntes filosóficas do pensamento é essencial para se produzir ciência na área e conseqüentemente responder a diversas questões sociais que nascem desse processo.²⁴

A gerontologia é considerada uma ciência nova no contexto brasileiro, que, conforme mencionado, está em ascensão. Nessa perspectiva, é evidente a necessidade de se implementarem e implantarem ações voltadas à melhoria da qualidade de vida dessa classe etária. Dessa forma, nota-se

um processo de aceleração quanto às questões relacionadas à pesquisa; à realização de eventos específicos, onde os vários trabalhadores possam perder a afonia e passem a perceber a importância de se trabalhar em rede, considerando a multi/inter/transdisciplinaridade como sendo elementos imprescindíveis para seu crescimento.²⁵

Para Santos,²⁶ o caminho trilhado pela gerontologia é promissor e parece ser um caminho possível, mas ainda muito há que ser feito. É necessário refletir sobre os principais conceitos que tornam tal ciência relevante e apropriada, principalmente no meio acadêmico, para a produção de conhecimento científico.²⁷

Santos *et al.*²⁸ apresentam fundamentos filosóficos e teóricos para o cuidar em enfermagem, mais especificamente a geriátrica. Nessa revisão, abordam contribuições sociopoéticas, filosóficas quando aplicadas na prática do cuidado e concluem que os profissionais, quando cientes desses saberes, compreendem melhor a relação paciente-doença-família e cuidado, e estão mais abertos a integrar seus conhecimentos com os de outras áreas, entre elas a gerontologia. Esse fato corrobora com a proposição de Santos,²⁹ que coloca tal ciência com caráter de multi/inter/transdisciplinaridade e a ênfase dada para o trabalho em rede em um caminho onde há muito que ser trilhado.³⁰

Em suma, essas correntes de pensamento nos auxiliam na reflexão dos achados, tanto dos velhos quanto para o desenvolvimento de novos outros, e contribuem para que o conhecimento científico seja cíclico (dúvidas geram novas dúvidas, que, por sua vez, requerem soluções), falível e mutável. Nessa perspectiva, Ehni *et al.*³¹ apresentam um novo termo, uma nova associação ou consenso – a geroética global –, e nos fazem refletir sobre a maneira como foi categorizado o processo de envelhecimento e suas particularidades durante todo o crescente avanço da gerontologia enquanto ciência.³²

24 Santos (2010).

25 Id. *ibid.*, p. 1039.

26 Id. *ibid.*

27 Id. *ibid.*

28 Santos *et al.* (2010).

29 Santos (2010).

30 Id. *ibid.*, Santos *et al.* (2010).

31 Ehni *et al.* (2018).

32 Id. *ibid.*

A criação da geroética global não possui a intenção de substituir as concepções gerontológicas de envelhecimento, que certamente são úteis para melhorar a saúde na velhice. Ao contrário disso, foi um meio encontrado para que tais metas sejam atingidas e, conseqüentemente, o meio social tenha motivos para valorizar a gerontologia (ciência). Contudo, apontar limitações é necessário para o avançar da ciência.

Nessa lógica, Ehni *et al.* apontam deficiências conceituais ao que se vinha propondo para os estudos da área:

A concepção do bem implícito em conceitos como “envelhecimento bem-sucedido” é muito estreita e não é suficientemente justificada; a complexidade da questão da vida boa não é, conseqüentemente, adequadamente abordada, tornando-se assim particularmente problemática se as concepções gerontológicas de “envelhecimento bem-sucedido” moldarem as políticas nacionais e internacionais. Então, as necessidades de diferentes grupos culturais e sociais provavelmente não seriam adequadamente abordadas. Ao mesmo tempo, o envelhecimento das populações é agora um fenômeno global e uma geroética global é necessária para apoiar o envelhecimento e as pessoas idosas e promover uma experiência positiva da velhice.³³

Em conclusão, questões como a supracitada e outras mais, apresentadas nas explicações desses autores, nos possibilitam refletir não somente sobre conceitos, mas também sobre as condutas em pesquisas, na produção e na avaliação do que nos é apresentado como conhecimento científico, em especial na gerontologia. Também concluímos pela importância da compreensão dos pesquisadores ao que tange a as correntes filosóficas de pensamento. É evidente a possibilidade de melhora na execução, desenvolvimento e apresentação de seus estudos. Não menos importante, pactuamos o desejo explícito por Ehni *et al.* em desenvolver, justificar e formular uma teoria completa da geroética global com o intuito de estabelecer um diálogo interdisciplinar, um engajamento com outras abordagens para fortalecer e delinear a gerontologia enquanto ciência.

REFERÊNCIAS

- BORGES, M. C.; DALBERIO, O. Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 25, p. 1-10, 2007.
- BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

33 Id. *ibid.*, s/p.

DURKHEIM, E. O que é fato social? *In*: DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. Tradução: Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

EHNI, H. J. *et al.* Toward a global geroethics – gerontology and the theory of the good human life. *Bioethics*, v. 32, n. 4, p. 261-268, 2018.

FAZENDA, I. C. A. Metodologia da pesquisa educacional. *Cadernos de Pesquisa*, n. 72, p. 86-87, 1990.

KÖCHE, J. C. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa*. 14. ed. rev. ampl. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1993.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: metodologia de pesquisa social qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. C. G.; SILVA, A. L. A. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuros. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 19, n. 3, p. 507-519, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>.

SANTOS, I. *et al.* Fundamentos filosóficos e teóricos para novas concepções do cuidar em enfermagem: contribuição da sociopoética. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 63, n. 4, p. 644-651, 2010.

SANTOS, S. S. C. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 63, n. 6, p. 1035-1039, 2010.